

CADERNO DE SUGESTÕES

Livro **TanãMak,**
uma guerreira Mura

BRINQUE-BOOK



Autoria

Fátima Fonseca

Especialista do Instituto Avisa Lá

Coordenação

Ana Carolina Carvalho

Érica de Faria Dutra

Coordenadoras do Instituto Avisa Lá

CADERNO DE SUGESTÕES DO(A) EDUCADOR(A) MEDIADOR(A)

Livro

TanãMak, uma guerreira Mura

Autora

Márcia Mura

Ilustradora

Raquel Teixeira

Indicação

3º, 4º e 5º anos — crianças em consolidação do processo de alfabetização
(a partir de 8 anos de idade)

Gênero literário

Memórias

Conteúdo

Instituto Avisa Lá

Revisão

Adriana Moreira Pedro

SUMÁRIO

Carta de apresentação	IV
Por que ler <i>TanãMak, uma guerreira Mura?</i>	V
Quem escreveu e quem ilustrou este livro	V
Relevância da obra	VI
Contribuição da obra para a formação leitora	VIII
Propostas de mediação	IX
A brincadeira	X
O povo Mura	XI
Consciência ambiental	XII
Cultura e cosmogonia indígena	XII
Atividades e Projetos literários	XIII
Atividades	
Leitura compartilhada	XIII
Desvendando as ilustrações	XIV
Explorar as palavras desconhecidas	XV
Projetos	
Conhecendo os Mura, os senhores das águas	XV
Brincadeiras indígenas	XVI
Recursos complementares	XVII
Referências bibliográficas	XVIII

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Caro(a) educador(a) mediador(a),

Este *Caderno de sugestões do(a) educador(a) mediador(a)* é um material que contribui para sua mediação de leitura. Traz propostas e informações sobre o livro **TanãMak, uma guerreira Mura** para os leitores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, ou seja, para turmas do 3º ao 5º ano e a partir de 8 anos de idade. Começa com uma apresentação do livro, da autora e da ilustradora, expondo a relevância da obra no desenvolvimento de práticas leitoras e letramentos nas escolas e bibliotecas. Depois, há propostas para apoiar a mediação de leitura, por meio de caminhos para mergulhar neste livro, além de atividades práticas e projetos literários — sempre valorizando aspectos da literatura que dialogam com as experiências de vida dos leitores. Por fim, há recursos complementares a serem explorados na mediação e as referências bibliográficas que fundamentaram a elaboração deste material.

TanãMak, uma guerreira Mura, de Márcia Mura com ilustrações de Raquel Teixeira, narra de maneira delicada as memórias de infância de uma menina indígena, *cunhantã*, em sua aldeia. A obra de autoria indígena utiliza elementos visuais que contribuem para que os leitores conheçam mais sobre as infâncias do povo Mura, que vive na região do rio Madeira e seus afluentes — correspondente aos estados de Rondônia e Amazonas —, ampliando imaginários, favorecendo a afirmação da identidade indígena e o reconhecimento da diversidade cultural entre os povos originários.

Ao longo da narrativa, acompanhamos as brincadeiras, as aventuras e os desafios vivenciados pelas crianças Mura e conhecemos a importância dada à ancestralidade, à consciência ambiental e aos saberes aprendidos com os mais velhos. Ao abordar essas temáticas com linguagem e ilustrações que se aproximam do universo infantil, essas memórias se mostram indicadas para leitores em fase de consolidação da alfabetização, permitindo que se vinculem à obra, ao mesmo tempo que favorecem uma experiência literária e estética.

Este caderno foi produzido com a supervisão do Instituto Avisa Lá — Formação Continuada de Educadores, organização da sociedade civil sem fins lucrativos que vem contribuindo, desde 1986, para qualificar a prática educativa nas escolas públicas brasileiras e em outros espaços educativos.

Bom trabalho!

POR QUE LER *TANĀMAK, UMA GUERREIRA MURA*?

TanãMak, uma guerreira Mura oferece ao leitor uma narrativa sensível e cuidadosa sobre a infância de uma menina indígena do povo Mura, baseada nas memórias da própria autora, Márcia Mura. Por ser uma obra de autoria indígena, assegura uma perspectiva legítima e autêntica das práticas culturais e experiências cotidianas de sua comunidade, contribuindo diretamente para a representatividade e valorização da diversidade.

A narrativa apresenta TanãMak — cujo nome significa “mulher guerreira” — e suas vivências enquanto criança no território Mura. Por meio do olhar da protagonista, os leitores acompanham brincadeiras, aventuras, afetos e aprendizagens que revelam uma infância marcada por coragem, coletividade e conexão com a natureza. Assim, a obra promove um encontro entre infâncias: ao mesmo tempo em que apresenta uma realidade distinta daquela vivida pela maioria dos leitores brasileiros, a narrativa evoca experiências universais do mundo infantil, como os desejos de explorar, brincar e pertencer. Essa aproximação favorece o exercício da empatia, da escuta e do reconhecimento da pluralidade cultural do país.

No campo estético e ético, a obra se destaca por reafirmar a identidade indígena e valorizar a ancestralidade. A protagonista é apresentada como referência de força, inteligência e sensibilidade desde a infância, rompendo com estereótipos historicamente perpetuados sobre os povos originários. As ilustrações detalhadas de Raquel Teixeira colaboram para esse movimento de reconstrução simbólica ao retratar, com respeito e riqueza, o universo cultural e ambiental do território Mura. Em harmonia com o texto, essa representação visual contribui para desconstruir imaginários coloniais ainda presentes em parte do ideário coletivo brasileiro.

A obra se alinha à temática indígena ao promover o respeito à diversidade, a valorização da cultura indígena e a formação de leitores críticos e sensíveis à justiça social, além de atender à Lei n. 11.645/2008 (Brasil, 2008), que estabelece a obrigatoriedade da inclusão da história e da cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar.

Ler *TanãMak, uma guerreira Mura* é, portanto, uma forma de conhecer para reconhecer, valorizar e proteger. Ao aproximar os leitores de 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, e a partir de 8 anos de idade da realidade de uma infância indígena, a obra amplia horizontes e contribui para a formação de cidadãos conscientes da riqueza e da complexidade da sociedade brasileira, reafirmando o direito de todas as infâncias à visibilidade, à dignidade e à escuta.

Quem escreveu e quem ilustrou este livro

Márcia Mura, também conhecida como TanãMak, atua no processo de recuperação da memória do povo Mura e de outros povos indígenas junto às comunidades ribeirinhas e na luta em defesa desses territórios. A autora é indígena, escritora, educadora, mestre, doutora e, como se apresenta, aprendiz dos conhecimentos transmitidos pelas mais velhas e pelos mais velhos. É convidada por secretarias estaduais e municipais de educação para falar sobre a Lei n. 11.645/2008 (Brasil, 2008), sobre a pedagogia de afirmação indígena e para fazer atividades com as crianças nas escolas.

Raquel Teixeira é uma mulher indígena do povo Sateré-Mawé nascida em Manaus, Amazonas. O foco principal do seu trabalho é a ilustração. Atua em diversos projetos de livros para as infâncias, jogos, quadrinhos e peças publicitárias, entre outros. Essas produções utilizam uma estética mais cartunesca e divertida, condizente com sua visão de mundo, segundo ela própria afirma. Faz parte do Coletivo lukytáias, que reúne vários artistas da região Norte do país.

Relevância da obra

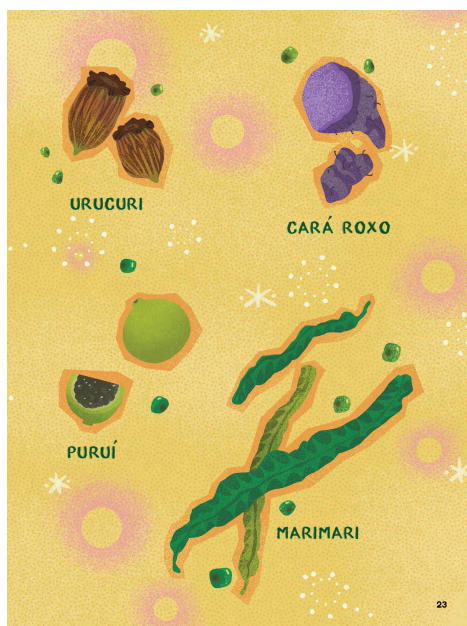
TanãMak, uma guerreira Mura convida os leitores a conhecer o cotidiano e as infâncias do povo Mura, ampliando repertórios e promovendo o reconhecimento da diversidade dos povos indígenas no Brasil. Segundo dados do Instituto Socioambiental (2023), há no Brasil 279 povos indígenas, com grande diversidade nas formas de viver, o que reforça que a leitura de obras como essa tem grande relevância, pois possibilita que os leitores, por meio da literatura, exercitem a experiência de conhecer outros territórios, culturas e tradições. De acordo com a formadora argentina de mediadores de leitura María Teresa Andruetto (2012), essa prática expande a experiência pessoal para dentro e para fora de si, permitindo que o leitor acesse mundos distintos do seu, mas possíveis, mesmo que por um momento.

Um dos aspectos centrais da obra é a presença da língua indígena e o contato com expressões culturais pouco visibilizadas no cotidiano escolar. Logo no início, a saudação *Wataka Repé* introduz os leitores em outro universo linguístico, ampliando sua percepção sobre a pluralidade de línguas e dialetos falados por povos originários — mais de 160, segundo o Instituto Socioambiental (2025). Originalmente, o povo Mura falava a língua mura, mas depois adotou o nheengatu (língua geral amazônica) e o português.

As ilustrações de Raquel Teixeira aprofundam o olhar do leitor sobre o território amazônico e a vida ribeirinha, revelando, em imagens ricas e detalhadas, aspectos da arquitetura, alimentação, transporte, fauna, flora e espiritualidade do povo Mura.



Palafitas, moradias típicas da região.



Alimentos característicos da região.

Como podemos ver nas ilustrações a seguir, destaca-se a presença da **cosmogonia** indígena com os encantados das águas, que são expostos de forma cuidadosa, afastando-se de uma perspectiva superficial do folclore e favorecendo o acesso a novos repertórios e imaginários, corroborando a proposta da especialista em literatura infantil e juvenil Dolores Prades (2025):

Cosmogonia:

narrativas, princípios e mitos de um povo acerca da criação da Terra, do Universo e dos próprios seres humanos, envolvendo também questões e crenças espirituais.



Encantados das águas: cobra-grande (sucuri), boto-vermelho (ou rosa), boto-tucuxi (boto-cinza) e lara.

A narrativa também salienta o papel das ancestrais femininas, e tudo isso é compartilhado pela narradora por meio da oralidade e de *memórias* — não especificamente das suas, pessoais, mas da infância das crianças Mura. Segundo o linguista Sérgio Roberto Costa: “O gênero memória faz exatamente isso: resgata o passado social existente em cada indivíduo, geralmente mais velho, que vai relatar suas lembranças [...]” (2020, p. 168). Assim, configura-se uma contribuição importante não apenas para o resgate de um passado, mas também como forma de registrar, documentar e compartilhar essas vivências, oferecendo aos leitores a oportunidade de conhecer mais desses mundos, por vezes tão distantes e até esquecidos.

Contribuição da obra para a formação leitora

Ler é desvendar outros mundos, é a possibilidade de encontro com novos personagens, novas experiências. Ler uma obra como *TanãMak, uma guerreira Mura* significa conhecer uma cultura que pode ampliar o horizonte dos leitores, permitindo que entendam melhor o mundo ao seu redor e construam um olhar atento para a questão dos povos indígenas. A escolha cuidadosa de livros pode enriquecer o aprendizado e contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e empáticos.

A escolha dessa obra pode contribuir para a formação leitora de seu público, pois evidencia a importância da temática e a possibilidade de as crianças em consolidação da alfabetização vivenciarem a leitura de forma mais autônoma, ampliando seus imaginários e evitando generalizações que reforcem estereótipos, além de desconstruí-los.

TanãMak possibilita que tais leitores tenham a oportunidade de se arriscar na leitura individual, apoiando-se nas imagens e no conhecimento do texto — assegurado por uma leitura compartilhada realizada pelo(a) educador(a) mediador(a). Já aqueles mais preparados para realizar a leitura sozinhos podem ter a satisfação de lê-la em sua inteireza, de forma mais fluida, compreensiva e autônoma, o que é tão importante para a formação leitora.

A organização do texto em pequenos capítulos também contribui para que esse leitor em formação coloque em jogo aquilo que torna a leitura de um texto literário tão atraente: a possibilidade de ser sujeito ativo nesse processo. Ao utilizar os dados do texto e do contexto para a construção de sentidos — estabelecendo relações entre o texto, as experiências vividas, os próprios conhecimentos e partes da materialidade escrita para elaborar a sua interpretação —, o leitor dá início à sua formação como leitor literário.

As ilustrações coloridas e vibrantes, complexas em detalhes, também colaboram para uma leitura com compreensão, pois aproximam o público do universo do povo Mura, pouco conhecido por muitos. Uma característica importante dessa obra é que, em alguns casos, as ilustrações de uma cena ocupam dupla página, portanto, uma dica é mostrar o livro aberto para que os leitores possam observar melhor a cena como um todo.

A obra é também um convite a outras leituras, pois pode despertar a curiosidade e o desejo de saber mais sobre os povos indígenas e seus territórios. Assim, faz com que os leitores busquem outras obras e portadores de texto na escola, nas bibliotecas, nas livrarias ou mesmo em casa, incentivando-os a continuar explorando o mundo por meio dos livros, revistas e sites de pesquisa, entre outros.

Como pontua a escritora e pesquisadora Julie Dorrico, da etnia Makuxi, no artigo “Ouvir a diferença”, a literatura indígena traz uma contribuição para o reconhecimento da diversidade no caso dos não indígenas:

[...] os autores perceberam em suas narrativas um potencial para diminuir a distância construída pela história e literatura oficiais em relação aos povos indígenas. Ao desmistificar desde cedo pelo livro indígena as imagens pejorativas cimentadas ao longo dos séculos, as crianças e os educadores não indígenas poderiam (e podem) aprender a respeitar a diversidade pluriétnica (2020).

A leitura de livros como **TanãMak, uma guerreira Mura** — levando em conta momentos de apreciação e troca entre os leitores — pode contribuir para uma aproximação, desde os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a uma das competências gerais da Educação Básica da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), que diz respeito a promover o respeito aos direitos humanos e à diversidade, reconhecendo e acolhendo diferentes saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem qualquer tipo de preconceito.

PROPOSTAS DE MEDIAÇÃO

TanãMak, uma guerreira Mura é uma obra que apresenta diversas possibilidades de leitura. Por isso, pode ser interessante que o(a) educador(a) mediador(a) inicie a mediação com uma proposta aberta que convide os leitores a conhecer a obra, oferecendo uma primeira aproximação da narrativa, da sua linguagem e das ilustrações, a fim de vislumbrar o que esse livro quer contar.

Assim, sugere-se iniciar por meio da leitura compartilhada, aquela em que o(a) educador(a) mediador(a) realiza a leitura em voz alta e os participantes acompanham com o livro em mãos, possibilitando uma melhor exploração tanto do texto quanto das ilustrações.

Durante a leitura, pode-se fazer pausas sempre que necessário ou quando algum participante quiser comentar ou tirar dúvidas. Como a organização se dá por pequenos capítulos, uma sugestão é fazer breves conversas após a leitura de cada tópico, sem a necessidade de aprofundar as discussões nesse momento, para que os leitores possam conhecer a obra na sua inteireza. Como o enredo apresenta algumas palavras de uma língua indígena, portanto, possivelmente desconhecidas pelos participantes, pode ser oportuna uma conversa a respeito das palavras e expressões que causarem dúvidas, a fim de assegurar uma maior compreensão

— há um glossário ao final do livro. É importante se atentar para que a leitura possa ser mais fluida, sem muitas interrupções que possam comprometer a compreensão geral da história, informando ao grupo que as palavras desconhecidas serão discutidas depois.

É importante proporcionar um espaço de intercâmbio entre os leitores para a construção coletiva de sentido, como aponta a especialista espanhola em literatura infantil e juvenil Teresa Colomer: “Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros” (2007, p. 143).

A crítica literária argentina Cecilia Bajour (2012) destaca que não há uma única forma para adentrar um livro. Por isso, ao preparar um encontro de leitura, é fundamental imaginar e considerar as mais variadas possibilidades de apresentá-lo, os caminhos que podem ser explorados, como a temática, as ilustrações ou o ambiente em que a história se desenrola — enfim, são muitas as entradas para mediar e dialogar ou, como afirma a autora, há muitas *chaves de leitura* para abrir a conversa sobre um texto.

[...] a preparação do encontro de leitura implica, em princípio, imaginar modos específicos de adentrar e apresentar os textos, de apurar os ouvidos e o olhar do leitor para uma leitura aguçada e atenta. Por isso, não existe uma fórmula única para penetrar nos textos. [...]

Os modos específicos de entrar nos textos podem partir de algumas chaves que cada livro sugira, ou de algum aspecto que se queira destacar ou no qual se queira intervir para construção de saberes literários (2012, p. 63-64)

Por isso, antes de apresentar o livro para os leitores, seja na escola ou na biblioteca, uma sugestão é que o(a) educador(a) mediador(a) leia e explore a obra para que possa aprofundar a leitura e a proposta de mediação, refletindo sobre o tema e o modo como a narrativa foi arquitetada, ampliando as possibilidades de fruição do grupo. Afinal, como afirma o especialista chileno em mediação de leitura Felipe Munita, se desejamos uma leitura mais participativa e distanciada, é preciso fazer uma imersão nos textos, “com momentos para fazer emergir os mecanismos e procedimentos que os tornam tão atrativos aos olhos dos leitores” (2024, p. 108). Na proposta de mediação desta obra, há diferentes chaves de leitura possíveis, como se vê a seguir.

A brincadeira

Essa pode ser uma interessante chave de leitura para adentrar a obra *TanãMak*, uma vez que a brincadeira é uma linguagem universal das crianças. No livro, as crianças Mura brincam felizes ao subir em árvores, pegar frutas diretamente do pé, nadar no rio e andar de canoa ou barco, entre outras tantas brincadeiras ilustradas detalhadamente por Raquel Teixeira.

Como destaca a pesquisadora etnomusical da cultura da infância Lydia Hortélio: **“Deve-se brincar para ser feliz” (2008)** — e as memórias do período da infância do povo Mura parecem carregadas de alegria.

Desse modo, o(a) educador(a) mediador(a) pode fazer um levantamento das brincadeiras preferidas do grupo e, após a leitura, a listagem das brincadeiras das crianças Mura que aparecem na narrativa, conversando sobre semelhanças e diferenças. Não se trata de fazer uma escala de valores, definindo quais são mais ou menos legais, mas de uma possibilidade de dialogar sobre o brincar. Para alguns leitores, pode ser uma oportunidade para retomar esse lugar do brincar, que perdeu bastante espaço com o uso indiscriminado da tecnologia. A escola e as bibliotecas podem ser ambientes importantes para o resgate de brincadeiras tradicionais e que mudam conforme os territórios em que vivem. Também é interessante conversar sobre como as brincadeiras são representadas na narrativa, se os leitores as conhecem e quais sensações e pensamentos surgem a partir das ilustrações e da forma como aparecem no texto.

Assim, conhecendo as brincadeiras das crianças Mura, os leitores aprendem sobre essa cultura e podem refletir sobre as semelhanças e diferenças em relação à sua própria realidade.

O povo Mura

O povo Mura é considerado originário porque habita a região da Amazônia brasileira desde antes da chegada dos europeus. De acordo com Dorrico, “são originários porque estavam aqui muito antes de o Brasil constituir-se como Estado-nação e instituir a língua portuguesa como oficial” (2023, p. 8). São também um povo ancestral. Eles vivem especificamente nas bacias dos rios Madeira, Amazonas e Purus.

O que sabem os leitores sobre os povos originários? O que sabem sobre os povos indígenas, especialmente os Mura? Essas são questões para um espaço de intercâmbio e troca que pode acontecer com base na leitura da obra ou do capítulo “Sou Mura”. O que os leitores compreendem sobre o título? Reconhecem como o nome de um povo originário? Será que algum leitor o relaciona com o sobrenome da autora?

Essas perguntas são oportunas para iniciar muitas conversas. Por exemplo, é possível abordar o fato de que autoras e autores indígenas podem, se assim desejarem, utilizar como sobrenome o nome do seu povo. No caso desta obra, tanto a autora quanto a ilustradora são indígenas: Márcia Mura utiliza sua etnia como sobrenome, mas a ilustradora Raquel Teixeira, apesar de se declarar indígena, não utiliza o nome da etnia dessa forma. Pode ser interessante comentar sobre outros autores como Ailton Krenak, Daniel Munduruku e Eliane Potiguara, que adotam o nome de seu povo no sobrenome como forma de resistência cultural e política, para afirmar sua identidade étnica e ancestralidade, promovendo a valorização da cultura e história indígena, além de fortalecer o movimento indígena e seus direitos.

O povo Mura é conhecido por ser navegante e conhecedor das águas. São ribeirinhos, ocupando lagos e igarapés. Pode ser que os leitores percebam que as ilustrações mostram sempre atividades e brincadeiras sendo realizadas no rio.

Também pode ser interessante retomar com o grupo a dedicatória da autora: “Para minha avó Francisca (*in memoriam*), minhas tias-avós e minha mãe. Para meus netos e netas e todas as cunhantães e curumins Mura que vivem em contextos ribeirinho, urbano, extrativista e em territórios demarcados e reivindicados” (p. 5). A conversa pode envolver o fato de que pessoas indígenas também vivem em contextos urbanos — e não apenas nas regiões de floresta, como o senso comum faz crer —, estudam e trabalham nas cidades. Quanto à referência a “territórios demarcados e reivindicados”, pode-se indagar o que os participantes sabem sobre o assunto e, caso não tenham conhecimento, oferecer uma breve explicação, sem se aprofundar, mas conversando e ampliando os saberes sobre esses temas para que entendam melhor os modos de vida, a organização, as lutas e as resistências dos povos indígenas na atualidade.

Consciência ambiental

Um aspecto presente em *TanãMak* de forma sutil é a crítica à poluição dos rios, expressa na página 11. Esse ponto pode ser destacado na mediação, uma vez que, assim, conhecemos mais do povo Mura e sua estreita relação com os rios. Com o auxílio das ilustrações, pode-se explicitar ao grupo o fato de que alguns rios e outros corpos d’água têm a coloração naturalmente escura — como é citado na obra, na página 21: “Era uma imensidão de água pretinha”. Isso agrega ao conhecimento dos leitores que estão habituados a águas cristalinas como sinal de pureza.

Abordar a consciência ambiental também é relevante dado o papel fundamental dos povos indígenas na preservação e conservação do meio ambiente, lutando continuamente pela defesa da fauna e da flora.

Cultura e cosmogonia indígena

TanãMak tem início com a narradora contando que recebeu seu nome do grande criador, Namatuyky, mas desde menina já tinha o espírito guerreiro. Assim ela começa a relatar suas memórias, proporcionando ao leitor a oportunidade de conhecer um pouco sobre as crenças e os modos de viver dos Mura.

Durante a narrativa, observamos que a avó e a mãe sempre estão presentes e são respeitadas por TanãMak, que afirma ao final do livro: “Cresci ouvindo e aprendendo com os mais velhos” (p. 25). Esses trechos da obra vão apresentando a importância da ancestralidade para os povos indígenas, que valorizam os que vieram antes, seus antepassados e tudo que puderam aprender com eles. Há uma reverência aos antepassados e TanãMak finaliza a narrativa reafirmando isso: “E, agora que me tornei TanãMak, eu digo que sou minha avó indígena!” (p. 25). Ao ex-

De acordo com Márcia Mura: “A pedagogia da afirmação indígena consiste numa prática pedagógica com base em saberes e práticas tradicionais indígenas que envolvem a valorização da percepção de mundo indígena, seus modos de ser, viver, se alimentar, festejar, celebrar, trabalhar e se curar” (2024).

pressar que é a avó indígena, a narradora tem a intenção de incentivar os leitores a pensarem na própria ancestralidade, a buscarem suas raízes e o autoconhecimento. A autora, Marcia Mura, é ativista da pedagogia da afirmação indígena, e nesta obra ela reforça sua própria identidade indígena.

Além disso, como já mencionado, há na narrativa a presença dos encantados, que fazem parte da cosmogonia indígena, especialmente nas regiões Norte e Nordeste. Eles são citados na página 12 do livro. Por meio desses trechos, compreendemos melhor as crenças do povo Mura e, por meio dessas crenças, podemos rever alguns conceitos e aprender a respeitar os diferentes modos de vida. A autora escreve: “Temos nosso próprio modo de compreender, narrar e interpretar o mundo, do qual os encantados participam e que, apesar da colonização, é configurado antes pela percepção indígena ancestral. Os encantados estão entre nós” (2023, p. 52).

ATIVIDADES E PROJETOS LITERÁRIOS

As propostas de leitura nas escolas e nas bibliotecas públicas ou comunitárias, embora compartilhem o objetivo de formar leitores, apresentam diferenças importantes. Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a escola é responsável por garantir o processo de alfabetização e a consolidação da leitura e da escrita. Nesse contexto, as práticas de leitura contam com acompanhamento regular, e envolvem tanto momentos coletivos, por meio da leitura compartilhada e mediada, quanto propostas que favorecem a leitura autônoma. Nas bibliotecas, o acesso aos livros amplia o contato com a literatura e fortalece o vínculo com a leitura, mesmo que o objetivo não seja propriamente a alfabetização das crianças que as frequentam. Vale lembrar também que, nesse contexto, a composição dos grupos é mais variável e flexível. As atividades e projetos sugeridos neste caderno podem ser adaptados a cada situação, respeitando as diferentes circunstâncias, mas sempre reforçando a importância da leitura como prática cultural e social.

Atividade **Leitura compartilhada**

Para iniciar a mediação da obra *TanãMak, uma guerreira Mura*, sugerimos a leitura compartilhada: o(a) educador(a) mediador(a) lê em voz alta enquanto os participantes acompanham com o livro em mãos, explorando tanto o texto quanto as ilustrações. Antes da leitura, é interessante propor uma breve conversa abordando a capa, o título e a autoria, levantando hipóteses sobre quem é TanãMak, o que significa “guerreira Mura” e por que o nome da autora também traz “Mura”. Essa troca inicial pode despertar a curiosidade e antecipar sentidos importantes, incluindo a identificação da origem étnica como marcador de identidade e resistência — um tema sensível frequentemente silenciado nos materiais escolares.

Durante a leitura, é possível fazer pausas pontuais para acolher dúvidas ou comentários, especialmente sobre palavras em língua indígena presentes ao longo da narrativa, que podem ser discutidas com base no contexto e nas imagens. Ao tratar da diversidade linguística dos povos originários, essa é uma oportunidade para abordar a invisibilização e o apagamento

linguístico como forma de violência histórica, tema delicado que pode ser trabalhado de modo acessível com o grupo.

Também é interessante chamar a atenção para as ilustrações de página dupla, os detalhes da paisagem amazônica e os recursos gráficos utilizados pela ilustradora, como balões, pontos de luz e jogos de perspectiva, estimulando o olhar atento e interpretativo. Aqui, é possível destacar como o ambiente natural está intimamente ligado à identidade do povo Mura, e como as mudanças ambientais, quando afetam o rio e o território, impactam profundamente a vida da comunidade — um tema fraturante relacionado à crise ecológica e à luta pelos territórios indígenas.

A leitura também abre espaço para a escuta de memórias e vivências dos próprios participantes. Ao retomar trechos em que TanãMak aprende com sua avó, sua mãe e os mais velhos, o(a) educador(a) mediador(a) pode convidar os leitores a refletirem sobre quem são as pessoas mais importantes em suas histórias e o que aprenderam com elas. Então, com base nessa reflexão, propor que desenhem ou escrevam um momento marcante vivido com alguém mais velho. Esses registros podem ser reunidos em um mural coletivo intitulado “Memória é resistência”, conectando as experiências pessoais dos participantes à força da memória ancestral do povo Mura. Essa proposta oferece um modo sensível de trabalhar a transmissão de saberes como forma de enfrentamento ao apagamento cultural, aproximando o tema da ancestralidade das vivências cotidianas dos leitores.

Ao longo da mediação, é importante que haja espaço para que os participantes façam perguntas e expressem dúvidas ou desconfortos. Essas manifestações podem revelar tensões internas ou desconhecimentos sobre os povos indígenas que, se acolhidos com escuta e respeito, se tornam pontos de partida para diálogos profundos sobre identidade, desigualdade e pertencimento — todos temas sensíveis que, quando tratados com cuidado e criticidade, enriquecem a experiência literária e formativa.

Atividade **Desvendando as ilustrações**

Depois da realização de uma leitura compartilhada e um espaço de intercâmbio sobre a obra, sugere-se que os participantes retomem o livro em duplas e explorem os detalhes das ilustrações: o que elas mostram para além do que está no texto; qual ilustração gostaram mais ou chamou mais atenção e por quê. É importante informar às duplas que, para ver melhor algumas ilustrações, será necessário olhar as páginas duplas, como as páginas 6-7 e 8-9.

Em seguida, o(a) educador(a) mediador(a) pode mostrar novamente as páginas duplas para que os participantes comentem o que descobriram ou o que gostariam de compartilhar. Talvez seja necessário indagar sobre os detalhes das ilustrações, tais como o rio e a cor das águas, as árvores, as plantas e as comidas da região. Pode-se chamar a atenção dos leitores para a árvore que parece estar no meio do rio, e perguntar se reconhecem a mulher das páginas 24 e 25.

Outro ponto que pode ser discutido são as técnicas utilizadas pela ilustradora: a escolha das cores; as imagens que ocupam duas páginas, dando uma amplitude maior à cena; os efeitos que usa nas ilustrações como se fossem estrelinhas, pontos de luz; o recurso dos balões e das onomatopeias, característicos das histórias em quadrinhos, como nas páginas 9 e 20-21. Por que será que ela utiliza esses recursos? É possível que os leitores não percebam todas essas questões. O importante é ajudá-los a ver, fazendo perguntas para que observem e comentem suas impressões. É interessante abrir espaço para o inesperado: pode ser que os leitores surpreendam com suas descobertas.

Atividade **Explorar as palavras desconhecidas**

Com base na leitura compartilhada da obra, o(a) educador(a) mediador(a) pode solicitar aos leitores que listem palavras de outra língua que aparecem na narrativa e/ou que eles não conhecem. Adicionalmente, podem comentar sobre o que acham de, no livro, haver palavras que são desconhecidas para eles, e se acham que é possível compreender o significado de determinados termos apenas pela leitura do texto e observação das ilustrações. Esse exercício é importante para que os participantes aprendam que nem sempre é necessário saber exatamente o significado de todas as palavras de um texto, pois, às vezes, conseguimos inferir os sentidos pelo contexto e continuar a leitura sem muitas interrupções.

É interessante explorar o Glossário do livro, nas páginas 26 e 27: ler com o grupo as definições, voltar ao trecho que tem alguma palavra desconhecida e relê-lo, para que consigam relacionar os significados ao contexto do texto.

Pode haver palavras que não estejam no Glossário e que sejam desconhecidas pelos participantes. Nesses casos, uma sugestão é propor a pesquisa em *sites* de busca ou de dicionários *on-line*, sob a supervisão do(a) educador(a) mediador(a), ou em materiais físicos como livros, dicionários e revistas especializadas, a fim de elaborar um pequeno glossário do grupo.

Em seguida e com base nessa exploração das palavras indígenas da obra, pode ser interessante conhecer ou se aprofundar um pouco mais sobre as línguas indígenas. Há informações muito interessantes disponíveis na internet. No *site* Povos Indígenas do Brasil, do Instituto Socioambiental (2025), há um quadro sobre várias palavras em diferentes línguas, por exemplo. Esse pode ser um momento riquíssimo para os leitores ampliarem seus conhecimentos sobre a diversidade de línguas existentes no país.

Projeto **Conhecendo os Mura, os senhores das águas**

É provável que a leitura do livro *TanãMak, uma guerreira Mura* desperte o interesse dos participantes em saber mais sobre o povo indígena Mura. Assim, o(a) educador(a) mediador(a) pode propor a realização de uma pesquisa e a construção de um mural para compartilhar informações. O objetivo é que o mural seja exposto fora do ambiente de leitura, em lugar de fácil acesso para o público da escola ou biblioteca.

Pode-se começar fazendo uma lista do que já sabem e do que querem saber. Será preciso considerar as informações que obtiveram sobre o povo Mura a partir da leitura do livro, além de realizar pesquisas em meios virtuais e físicos com o auxílio do(a) educador(a) mediador(a). A relação entre as informações pesquisadas e a leitura do livro pode ser bastante interessante para que os leitores percebam a diferença entre os textos literários e os textos com função informativa, que pesquisamos quando queremos saber mais sobre um tema.

Para a realização da pesquisa, são sugeridas algumas fontes na seção “Recursos complementares” deste caderno. A pesquisa pode ser feita em duplas, assim como o momento de avaliar o que foi pesquisado e quais informações são relevantes para inserção no mural. Além de informações sobre o povo Mura, é interessante que no mural seja apresentado o livro que deu origem à pesquisa.

Depois de finalizado, o mural “Conhecendo os Mura, os senhores das águas” pode ser fixado em algum lugar de acesso público para que outros frequentadores e leitores tenham a oportunidade de conhecer o trabalho.

Projeto **Brincadeiras indígenas**

Nesse projeto, o grupo é convidado a criar um livro coletivo sobre as brincadeiras indígenas para ser exposto na biblioteca ou sala de leitura. A proposta tem início com uma conversa com os participantes sobre suas brincadeiras favoritas, criando um espaço de escuta e compartilhamento de memórias e experiências. Em seguida, o foco se volta para o universo das brincadeiras indígenas, retomando aquelas presentes no livro e ampliando os conhecimentos com pesquisas, por meio de outras obras literárias e consultas na internet.

Com as brincadeiras encontradas, será feita uma lista coletiva e, em seguida, uma investigação sobre as regras de cada uma, possibilitando que o grupo aprenda como jogá-las. Após esse momento de descoberta, é hora de vivenciar as brincadeiras — experimentar, brincar e se divertir.

Dependendo do número de participantes, eles podem se organizar em duplas ou trabalhar individualmente para escolher, escrever e ilustrar uma brincadeira para compor o livro. O processo inclui momentos de revisão textual e finalização das ilustrações, garantindo a qualidade do material produzido.

Com os registros prontos, inicia-se a produção do projeto final: a elaboração da capa e a montagem do livro coletivo, que pode ser uma pasta com as páginas produzidas. Finalizado o livro, resta decidir em que local ele será guardado, de modo que esteja disponível para que outros grupos também possam conhecer mais sobre o povo Mura.

RECURSOS COMPLEMENTARES

Museu das Culturas Indígenas — site

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo. *Museu das Culturas Indígenas*, 2023. Disponível em: <https://museudasculturasindigenas.org.br/>. Acesso em: 1 jun. 2026.

O Museu das Culturas Indígenas é um espaço de diálogo intercultural entre povos indígenas e não indígenas, em que a memória da ancestralidade permite, aos diversos povos originários, compartilhar sua cultura e seu conhecimento. Seu espaço físico fica na cidade de São Paulo, mas o *site* conta com exposições virtuais, acervo *on-line* e *podcast*.

14 livros de autores indígenas para ler com crianças e jovens — artigo

LUNETAS. *14 livros de autores indígenas para ler com crianças e jovens*, 19 abr. 2023. Disponível em: <https://lunetas.com.br/livros-de-autores-indigenas-para-ler-com-criancas-e-jovens/>. Acesso em: 1 jun. 2026.

O artigo do portal Lunetas é uma seleção enriquecedora que apresenta obras de escritores indígenas com o intuito de fomentar a leitura entre crianças e adolescentes, ampliar a compreensão da cultura ancestral e promover valores de respeito, diversidade e pertencimento desde cedo.

Quem habita a floresta? — artigo

COMPANHIA DAS LETRAS. Quem habita a floresta? O que precisamos saber sobre as comunidades da Amazônia? *Blog das Letrinhas*, 14 out. 2024. Disponível em: <https://tinyurl.com/blog-letrinhas-habita-floresta>. Acesso em: 1 jun. 2026.

Artigo escrito a partir de uma entrevista com Valcléia Solidade, que nasceu na comunidade quilombola Murumuru, no Pará. Ela atua há quase trinta anos em projetos socioambientais na região e integra a Fundação Amazônia Sustentável (FAS). No artigo, ela aborda a necessidade de reconhecer e valorizar as diferenças entre os povos indígenas e de preservar essas comunidades e regiões, respeitando suas particularidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRUETTO, María Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BAJOUR, Cecilia. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. Tradução: Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BRASIL. *Lei n. 11.645*, de 10 de março de 2008. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: <https://tinyurl.com/lei-afro-indigena>. Acesso em: 10 jun. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/ Undime, 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/base-mec>. Acesso em: 10 jun. 2026.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário dos gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

DORRICO, Julie. Ouvir a diferença. *Quatro Cinco Um*, 1º out. 2020. Disponível em: <https://tinyurl.com/451-ouvir-diferenca>. Acesso em: 1 jun. 2026.

DORRICO, Trudruá. Apresentação. In: DORRICO, Trudruá; NEGRO, Maurício. *Originárias: uma antologia feminina da literatura indígena*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Línguas. *Povos Indígenas no Brasil*, 11 jan. 2025. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/L%C3%ADnguas>. Acessível em: 1 jun. 2026.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Quantos são? *Povos Indígenas no Brasil*, 24 nov. 2023. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Quantos_s%C3%A3o%3F. Acesso em: 1 jun. 2026.

MUNITA, Felipe. *Eu, mediador(a): mediação e formação de leitores*. Lauro de Freitas: Solisluna; São Paulo: Selo Emília, 2024.

MURA, Márcia. Pedagogia de afirmação indígena: percorrendo o território Mura. *Portal Geledés*, 22 abr. 2024. Disponível em: <https://tinyurl.com/geledes-pedagogia>. Acesso em: 1 jun. 2026.

MURA, Márcia. Uruapeara, a pirarara encantada, o mapinguari e o pajé que se tornou cobra grande. *In*: DORRICO, Trudruá; NEGRO, Maurício. *Originárias: uma antologia feminina da literatura indígena*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.

PRADES, Dolores. O que há de novo no livro para a primeira infância e juventude no Brasil? *Revista Emília*, 29 maio 2025. Disponível em: <https://emilia.org.br/o-que-ha-de-novo-no-livro-para-a-primeira-infancia-e-juventude-no-brasil/>. Acesso em: 1 jun. 2026.